



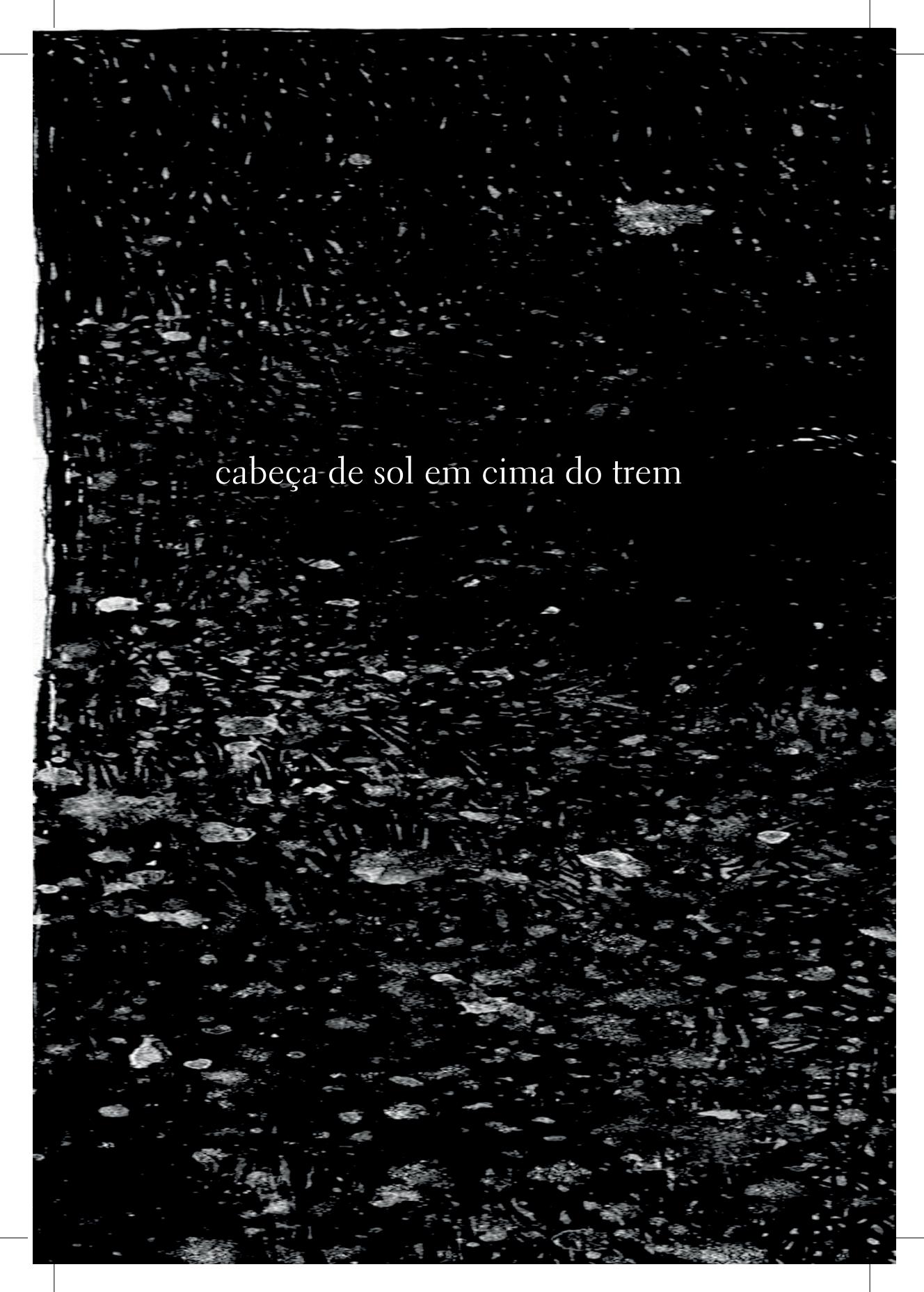


CABEÇADE
SOL
EM CIMA
DOS TREM

um livro de thiago e | desenhos de joniel veras







cabeça de sol em cima do trem

pressa.....
cômeço.....
som.....
estrela.....
muro.....
propaganda.....
rede.....
o.....
língua.....
desejo.....
amor.....
tempo.....
vruum.....
corpo.....
pagina de notas.....
mar.....
céu.....
escuro.....
obverse.....
gagueira.....
hoje.....
a lenda do peixe francês.....
palavrão.....
chofrer.....
sopro.....
lesma.....
cor.....
chave.....
entendimento.....
superbonder.....
hidrante.....
amor.....
fome.....
sangue.....
pressa.....
manhã.....
trem (posfácio?) por amatal.....

era uma vez uma cabeça de sol em cima do trem [ponto]
era uma vez os versos e os desenhos que neste livro se tem
[pronto] trata-se de thiago e [vírgula] acompanhado dos de-
senhos de jonio veras ou trata-se de poesia em estado lúdico
ou estado útil ou estado único ou tem estado o poeta ataran-
tado nas entrelinhas nos entreversos trabalhando em outros
sentidos que as palavras escondem ou versos não [ponto de
interrogação] almeja prosa poética e verbete de dicionário
[aqui se almeja uma vírgula] eis uma chave de leitura da po-
esia de thiago [dois pontos] deixar de lado a lógica cartesiana
cotidiana por um instante e deixar que poesia e experimento
e leitura se tornem fato [pois no intervalo entre os olhos e o
texto a poesia se faz palco]

adriano lobão aragão

poeta [,] professor [...] www.adrianolobao.com.br [→]



cabeça de sol em cima do trem

ou

audiovizuada

ou

zinema

ou

variedades em geral

ou

gozo borboletográfico

ou

custa os olhos da cara

ou

provisório e precário

ou

ardo-oro-te

ou

viva a dublagem brasileira

ou

por fervor

ou



atratores estranhos

o que primeiro se almeja de tudo é o fim | pinciano |

PRESSA

s.f. & m.

a pressa traz nos braços sua bagagem de atrasos ; distribui de bom grado relógios enferrujados ; engorda na avenida e ergue novos obstáculos ; a pressa pintou-se moça e diz dar conta do recado ; chegou cedo e abriu a fábrica pro operário ; a mil por hora faz máquinas muito rápido ; a pressa medida com fita métrica tem tamanho de máximo ; corre com as pernas bem abertas empurrada pelo horário ; não descansou com o funcionário e acendeu o asfalto ; a pressa abraça as ruas, os telhados, mas não sevê tentáculos ; ajudou a motorista a jantar, a juntar o salário ; a pressa mostra a pá com a qual enterrará o passado ; acabou com a festa dos pássaros no mato ; não seca o suor na testa do trabalho forçado ; se fez sangue e força destes dias, destes maios ; constrói a época em que mais nada é acabado ; a pressa e trinta inícios por segundo por projetos ávido ; a pressa apenas, e apenas por pressa e princípios tem apreço ; a pressa só, sem limites, sem finais, sem desfecho – só começo :

!?

s.m. & f.

do começo não se sabe : se tem peso ou quanto vale, se hoje nasce ou vira nunca, ou é uma flor que abre em rugas ; do começo, sim, se sabe: como idéia, onde ele cabe ; mora dentro e foi embora – no espelho, é a cara do agora. o começo jamais muda (feito o freio faz o lento) tal qual a água queda em chuva, tal qual o ar se move em vento ; se constrói esse lugar de começo e mais começo – onde os pés podem dançar sobre um som que não conheço

ROCK – SOM

s.f. & m.

e para que poetas?! e escrever?! o autor que perdeu os olhos numa guerra responde assim, tateando um bem na terra : viver é só um possível de prazer. a vida, claro, pode até ser grande (um gozo apenas, máximo e bastante) mas, somente este verso sinto ter : viver é só um possível de prazer ; e como estes dois olhos se apagaram, tive de acender meu corpo e ouvidos – passei a ver prazer no som, não visto : pela vibração, poemas me serviram ; pelo pulso no corpo, e não sentido ; um murro de barulho, ou urro-bicho – pra gostar do som, poemas me serviram. com a pele e a orelha achei um bem possível, e hoje, o homem de escuro e negror pega, em vão, ruído que afague a vida cega. nestas trevas, a língua é luz, é míssil, é agrado, menos dor, zoada bela : feito o estralo da estrela que em mim se atrela

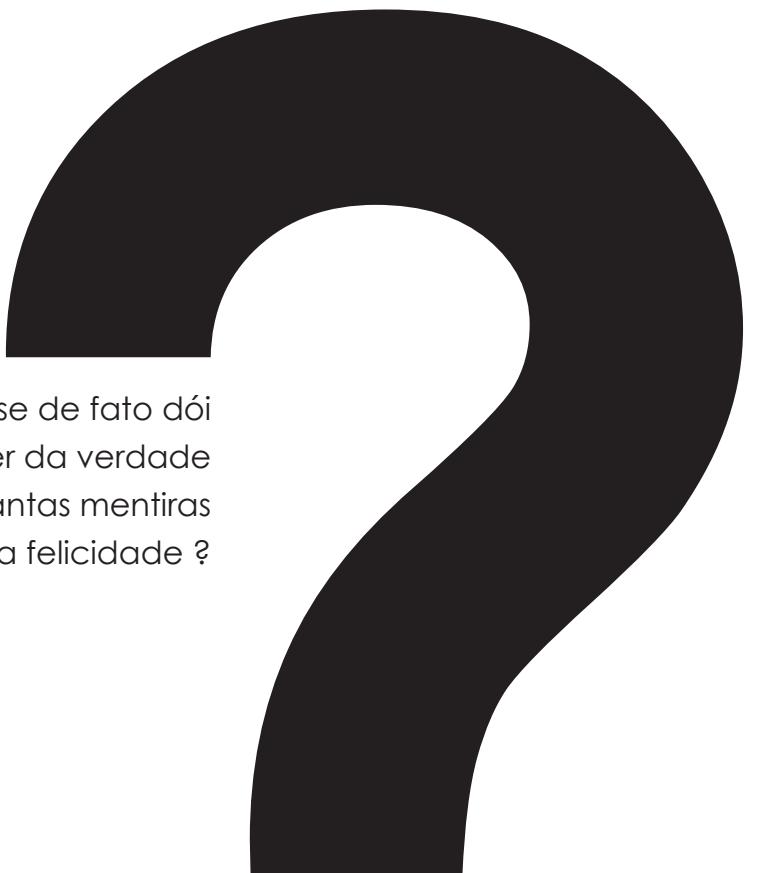
strls

se gosta pelo brilho dessa estrela
ou tanto encanto
é ver beleza no não tê-la ?

MURO

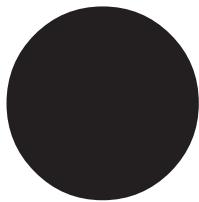
s.m.

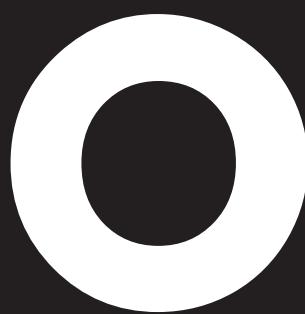
o que há dentro do muro não é assim tão bruto ; um pensamento sofre na argamassa que lhe cobre ; angústia o muro sente, desde antigamente : é cego todo sempre e só sabe apartar gente. há pouco ouviu do chão, com voz de escuridão, que existem as paredes – ríjas tal qual ele ; a diferença é que elas têm uma janela, e assim, pela janela, a parede enxerga. janela é uma abertura – não dói, não sutura ; buraco sem reboco movendo-se no corpo (se a obra tem janela, parede é o nome dela) cimento e cal sem furo julgam ser um muro. o muro, truvo e mudo, pensa e pensa em tudo : sair daquele escuro e ver a luz do mundo, deixar de ser um muro abrindo em si um furo ainda que esse corte lhe tombe à nula sorte – não sabe como, ainda, mudar a sua química (rejeita a vil certeza de não ter vista acesa) deseja em seu chapisco, sim! correr o risco de ter a pele aberta e sentir o que é a janela ; e mesmo sem saber como vai ser outro ser, o muro quer saída, mudar, mover a vida – quer nem que seja a ida da simples dobradiça ; ou algo do porvir que lhe tire deste aqui



se de fato dói
saber da verdade
com quantas mentiras
se faz uma felicidade ?

responda vapt vupt :
a vida
é mesmo sem saída
ou todos os caminhos
levam ao facebook ?



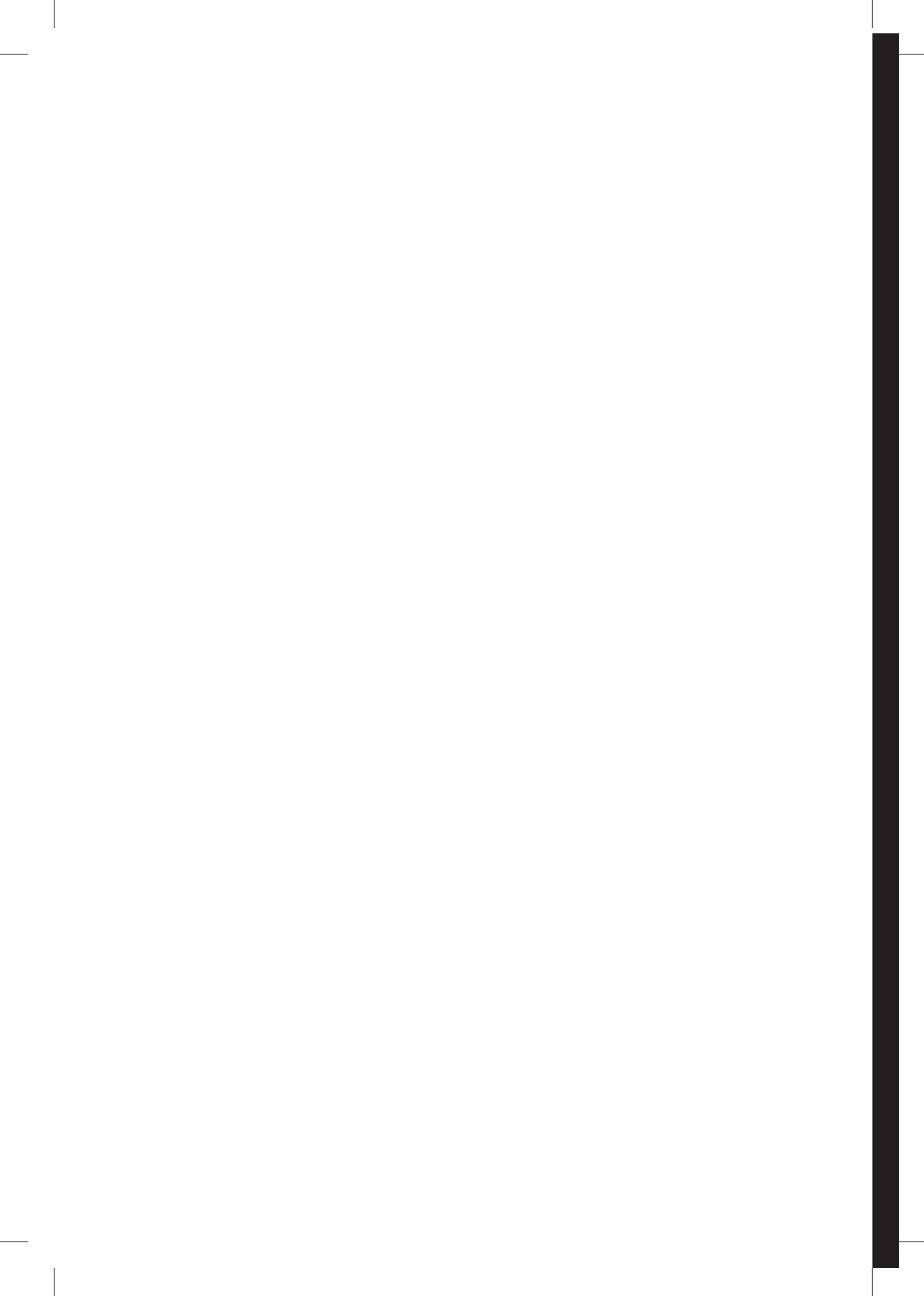


é que uma vez julgaram-n asquer s
um ser estranh , c m lix n r st
na verdade nā tem face, s ´ um lh
e c nfunde-se a um beiç bem rug s

f i quand aqui julgaram-n um est rv
um pedaç de carne que dá n j
um pelud e past s anel de c ur
cuspind a p dridā de um tr ç p rc

e decret u-se enfim que é esse c
lugar de sempre n ite, d mau g st
pis nde s l nā bate vale p uc

ali a pele dá descarga e vira esg t
e até h je é um mistéri extens e t d
um burac eng lid pel c rp



s.f.

a língua é um triste molusco, chora um pranto negro e escuro (molusco triste é essa língua) lembra e lambe sua dor fina ; dentro da boca, tal molusco chora a falta do seu casco : quer de volta o tempo justo, voltar pra lenda do passado ; lenda velha, antes da boca, tinha concha e casa, escudo e força, mas, num mistério da matéria perdeu a parte mais eterna – se fez só língua e se desintegra ; a língua é um triste molusco já sem esperança, no escuro, de reaver seu casco, ter futuro, resigna-se com riso de chumbo ; como lhe resta ser mesmo língua, linguagem motor – sempre e ainda – é na boca pá e palavra (fala igual como quem cava) cava com o corpo um liso assoalho – chão de carnes gêmeas, molhado, buscando na cabeça o antigo casco : roupa e casa, escudo e agasalho ; a língua é um triste molusco, já não sabe se é carne ou um soluço – sem concha, se reinventa no escuro – sem cara, existe feito um especreto espasmo movimento um obgesto

DESEJO

s.m. & f.

desejo não é dito, nem escrito – não dá pra traduzi-lo em vãos rabiscos. gemidos indistintos (grossos finos) só mostram que o desejo é sem juízo ; empurra o corpo prum desequilíbrio – na carne, feito vírus, tira o raciocínio, parece ser doença, um mal desconhecido, se nasce é pra morrer – bom é desejo findo ; desejo não é dito – é como um drama físico : ninguém agüenta apenas só senti-lo ; é estorvo ao bem-estar de um indivíduo e deve ser banido tal qualquer bandido ; desejo é o necessário aqui sumido, não pode mais ficar me precipício, qualquer um o quer morto, morrendo, indo... e que dele não reste pó, nem cisco ; desejo é junto início fim finício ; tão dentro e tão difícil, vil danisco ; quem dera nele BUM! matar com um tiro → não dá pra admiti-lo ficar vivo

AMOR

s.f. & m.

amor é um lugar, um vão, um trecho (chão sólido que ampara algum desejo) terreno aqui criado – extenso e dentro : o amor é espaço, não um sentimento ; é um solo, lar, o amor é um lugar – tá vendo que em seu centro há de ficar tudo aquilo sentido no querer : vontade, dor, prazer, não sei o quê, palpitação, secura, um outro nome pra esta substância que consome. a gente sente o frio da mão do medo – que fogo dá um jeito nesse gelo? atração por ser belo aquele sexo, pulsação nesse úmido processo, artéria disparando e não espera : é fera que tem pressa e desembesta. afeto por completo, apego, tara – é fome, fome, fome e não se acaba. e o tanto que é sentido – onde pôr? o sentimento fica aqui – no amor; bem neste território de chão truvo erguido num relâmpago sem futuro ; no amor, esse tal raio em brasa brilha e dura o tempo de quem acredita

principal não está em dizer a verdade da coisa, senão em fingi-la que seja verossímil e ligada à razão : por cuja causa, e porque o poeta trata mais a universalidade, diz o philósopho em seus escritos que muito mais excelente é a poética que a história...|pinciano|

, coisa sem medida, move mil culturas, trouxe a tal ferida,
tem talvez a cura, manda o mundo embora, sempre sem
saída, largo quando é lida, fez-me pôr pra fora, curva os
velhos ossos, cria alguns caroços, fere até metais, segue sem
remorso, já manchou meus dentes, veio simplesmente, tece
o fim de tudo, é mesmo um filme mudo, traz e leva as dores,
come os corpos podres, corre e não espera, acaba o que já
era, curto quando é paz, de um choro é demais, velho e tão
começo, é o mesmo o tempo inteiro, o dele tem um preço, é
feito de dinheiro, rói as grossas grades, é feito de vontades, às
vezes mete medo, contra coisa alguma, certo que se esfuma,
sem nenhum segredo, farto em tardes quentes, visto frente
a frente, eterno no homem morto, deu-lhe algum conforto,
breve nesse gozo, sol das soluções, sem nenhum esforço,
prega as tradições, errado na partida, guarda os ancestrais,
dura toda a vida, passa e nada mais,

para o querido augusto de campos

que a vida

seja

smack!

um livre

visgo

esnhatra

estranha

língua

slup!

atiço

pra

ter

pra

zer

no mundo mesmo sem sentido

vai

ver

vi

ver

é vrum!

incomprendigo:

&
CORPO *s.f. & m.*

pois letra tem cabeça e crash! e fêmur : muscula ao centro o ok! do entendimento ; é atração sem tamanho, são atratores estranhos ; a letra o no fim da tarde visitou cinco consoantes e fez pôr do sol (talvez um gol de deus, seu futebol) fala em curva fresta e nhac! incerto : um thump thump! de entre linhas – papo reto ; de serifa, tinta, splash! e osso, tem dentes tortos, usa óculos e corpo grosso ; a letra tem às vezes boom! vanguardas em sua constituinte : e hoje aindavê-se o crack! na escrita do século xx ; em vários países, parecem palavras, mas são cicatrizes ; bílis na palavra com íris – sem fim e sem traça : a letra, com graça, quer outra palavra : nem triste, nem feliz viver no triz : feliste e trisliz

PÁGINAS DE NOTAS - espaço reservado para você usar como precisar (vai que falta papel...) telefone, endereço, número e horário de ônibus para fazer denúncia - placa de veículo que se julgue ter provocado acidente, demonstração de afeto, apego, tara, lugar pra desabafar, necessidades em geral.

AVISO : NÃO OFERECE GRANDE RESISTÊNCIA A LÁGRIMAS...

-----> FRÁGIL, PRA CIMA!



o mar sorri ao longe dentes de espuma, lábios de céu

| lorca |

2 textos para arnaldo e federico

MAR

s.f & m.

parece um pano, faz ondas de todo tamanho, tal qual o
pano quando está secando (seria preciso uma multidão
para levar o mar para o varal) o barco passeia no mar,
agora a estampa está se mexendo ; nem tudo o que se
mexe tem vida – é como o barco – é engraçado : tem
pano que só aparece no fim de semana. o mar não liga
pra moda, tem pano que tem flores por fora. o mar sem-
pre guarda um jardim dentro do bolso. o mar rumina a
terra o tempo todo ; tem muita espuma no mar porque
ele está tomando banho (o pano já banhou) a chuva
molha o mar e o pano : o pano fica mais pesado ; o mar
recebe o emprestado – às vezes o sol vem junto e surge
um arco-íris : a gente corre para o pano e se cobre com o mar

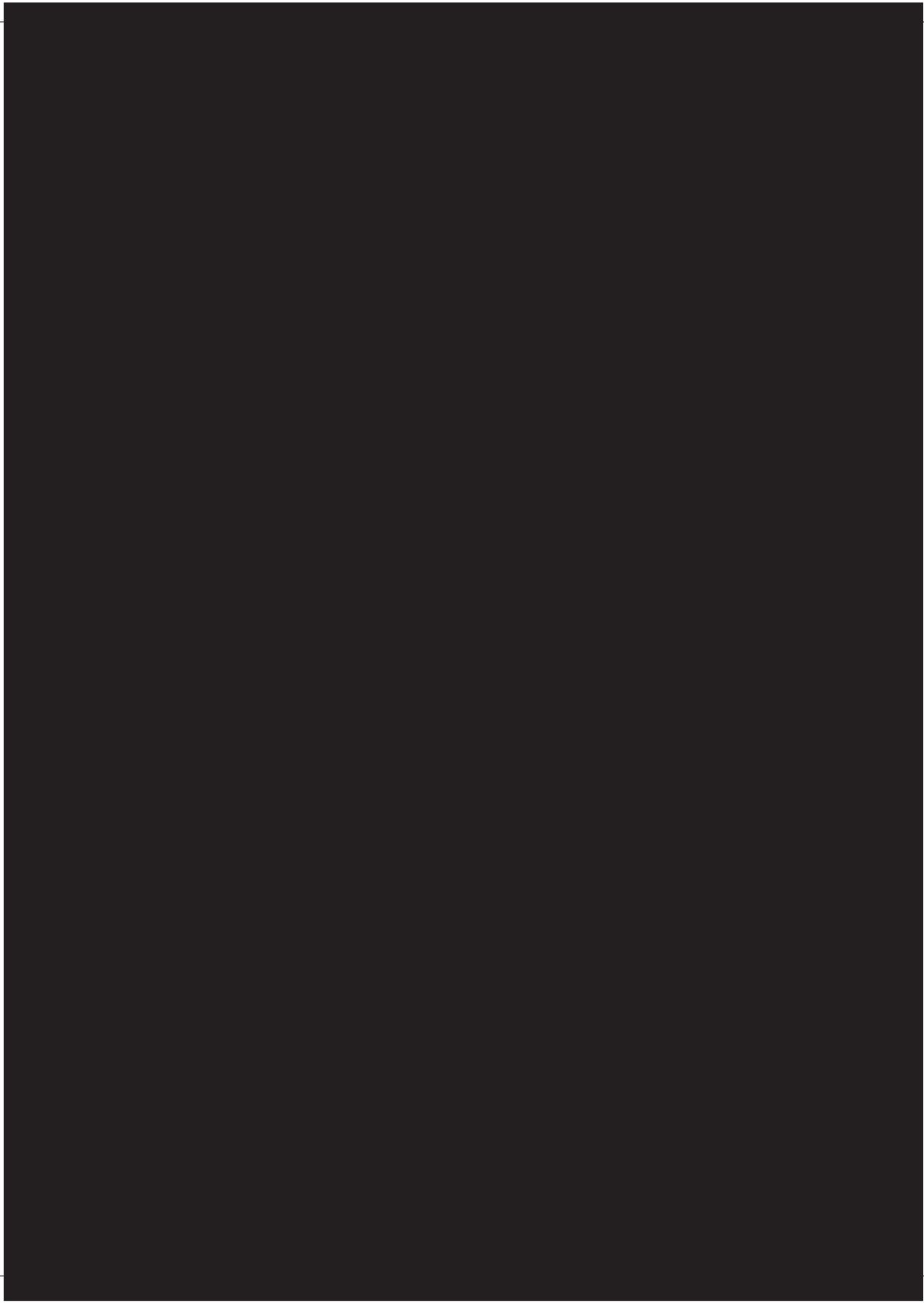
CÉU

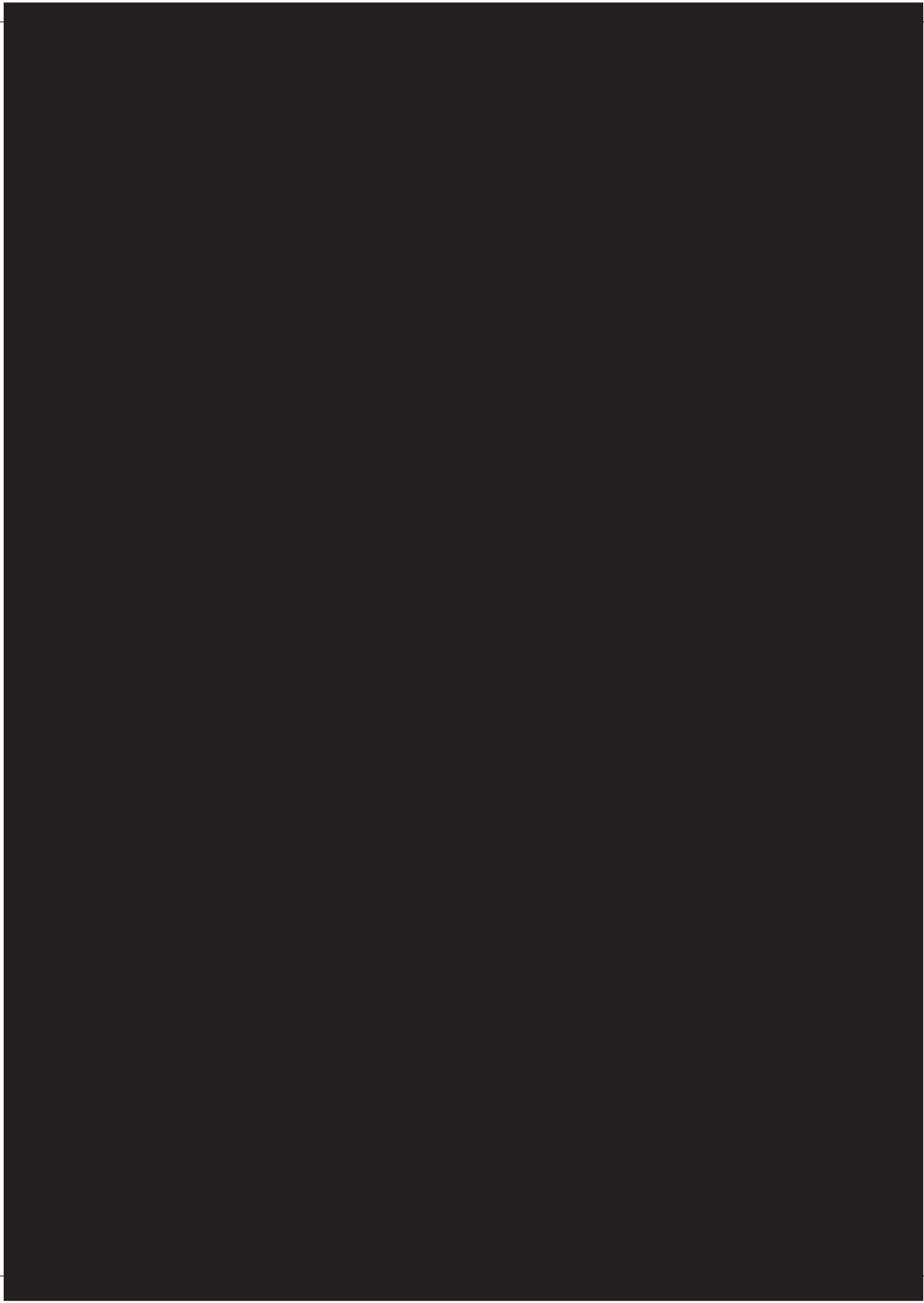
s.m & f.

se brilha azul, se mostra nu, abraça grande, e é muito alto ; se vê daqui, se ouve aqui, com qualquer nuvem pinta quadros ; o céu se biblioteca, se orquestra, se floresta, mas não se justa forma ; se automóvel, se avião, se muda uma cidade, se pra fora ; o céu é maior do que qualquer coisa – é maior que o mais inteiro lugar (o céu é mais que o mar mais todo mar) antena de tv, cabelo, prédio, árvore, dedo aponta para o céu – só um beijo amassa o céu ; a gente tem um céu dentro do peito e chama de coração – outro poeta, antigo, chamaria firmamento : agora o céu é massa – céu por cento



o que surgiu primeiro e criou tudo, uns dizem o silêncio – outros o escuro ; não foi boom de big bang brilho puro, nem foi uma explosão chamada deus ; as coisas corpo cosmo e o que nasceu têm bem menos de luz e mais de breu ; repara o natural nesse universo : basta piscar e noite vem pra perto ; no céu matéria escura por completo ; o sol e um dia só vai se apagar ; tanta lâmpada engana a noite cá, mas a luz cumpre um prazo pra durar ; em breve o truvo volta pro seu ponto mostrando o breuniverso em que me encontro – somente o escuro fica infindo assombro ; o que criou todo esse espaço em curso (calor e o modo orgânico no mundo) uns dizem o silêncio – outros o escuro ; parecem ter surgido os dois juntos – um bloco concentrado cego e surdo – e vão permanecer princípio e fim de tudo : começo de um gorgulho, gente ou susto, o impulso do esculêncio ou silenscuro











n á o

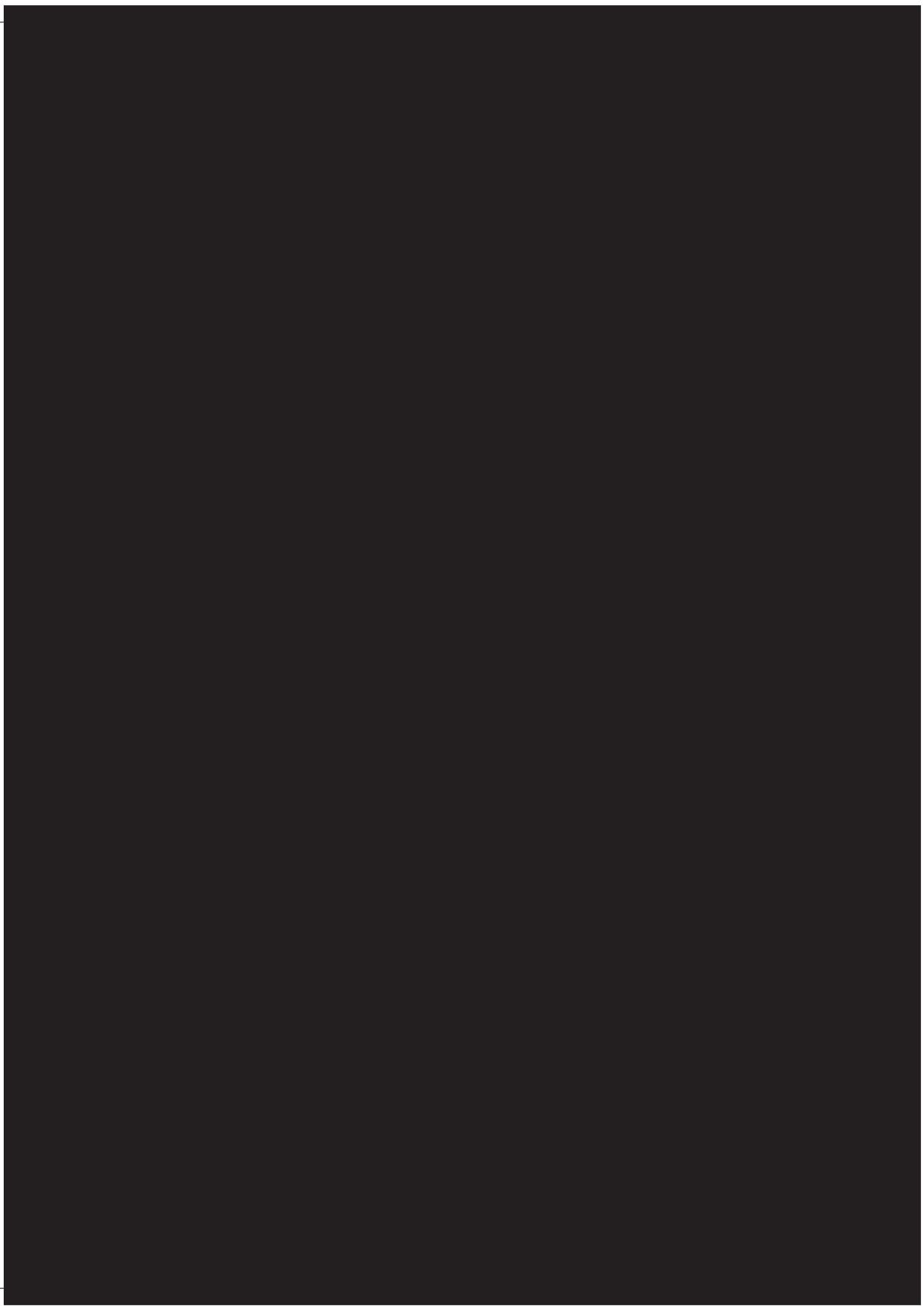
o b s

e r v

e t a

n t o







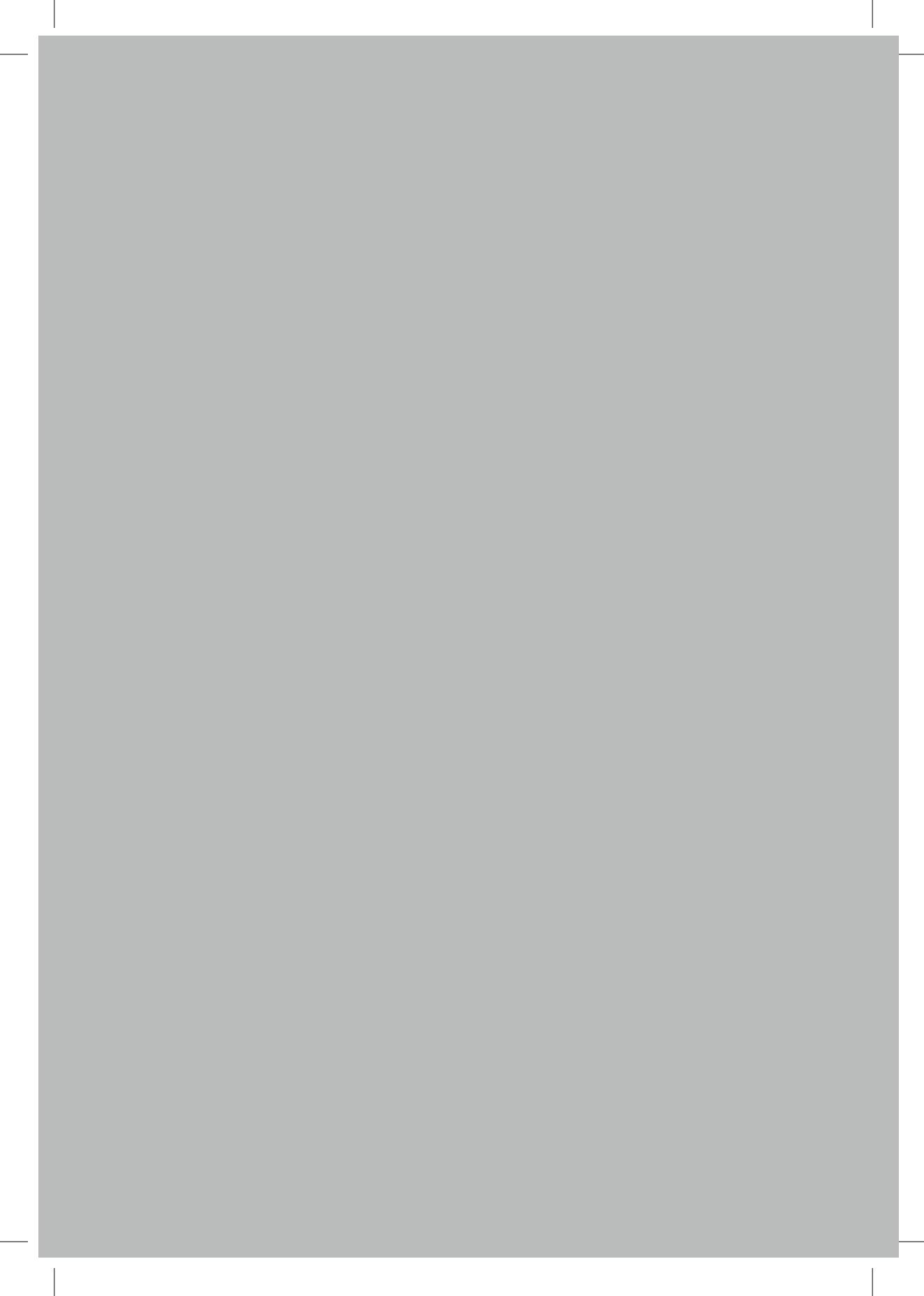
o b v e r s e

d e

v e z

e m

q u a n d o



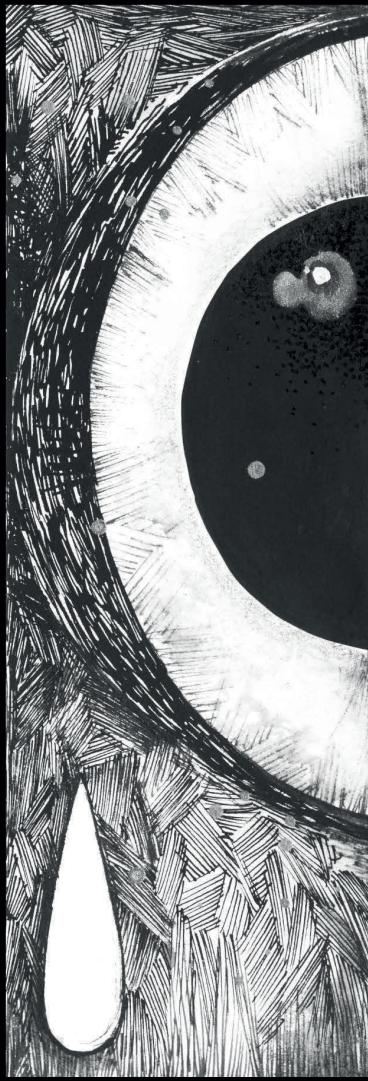
a gagueira winston churchill
não tem graça julia roberts
tem palavra lewis carroll
que não passa aristóteles
é um mistério charles darwin
lá do cérebro antony hopkins
ou do peito b. b. king
sem remédio marilyn monroe
não fluência george VI
é engenharia isaac newton
e a driblá-la napoleão
eu aprendia virgílio
interpretando bruce willis
sendo leve nelson golçalves
ninguém gagueja m. de assis
quando escreve thiago e

o hoje não é um pedaço – pouco, não ; deixou de ser parte, fração da história, porção : o hoje, maior que ontem, pressa e pressão, é tudo de uma vez : peso e asa, brisa e prisão ; calça coturno, me chuta a cara, a contenção, e esmurrar o relógio até ficar sem respiração – o hoje, entulho de futuro, erguendo-se em demolição, apenas se desliga se é um útero ou só acumulação ; o hoje, baldrame do absurdo, estranha construção, se chama já de quanto quão quase tanto tão

hojá



a seguir, a transletra da canção *a lenda do peixe francês*
gravada pela banda validuaté - com a participação especialís-
sima do dublador isaac bardavid, no disco alegria girar | MMIX |
- viva a dublagem brasileira!



?

era uma vez um peixe francês.
soturno e muito triste, se perguntava:
existem maiores mágoas que as
minhas nessas águas
será que



dia após dia/mes em seguida, nadava.
e tudo o que via era a árvore verde
e amarela, na praia do Rio



o grande amor do peixe francês.

apenas uma vez e tornou-se-nos

so pensava nela, ainda. ainda. a linda botela inteira feita de estrelas pretas, que vislumbrou



*consciência no mundo duravam sempre trinta segundos
problemas com amores, pois sua memória é
muito curta, e o peixe nunca tivera dores nem*





porém, depois de ver aquele ser
arcanjo rompendo seu casulo

num pulo,

Criou idéia fixa na mente. e amor e morte... ah! só sente

!



o peixe leva na lembrança
toda a pujança da paixão
que arde desde aquela tarde.

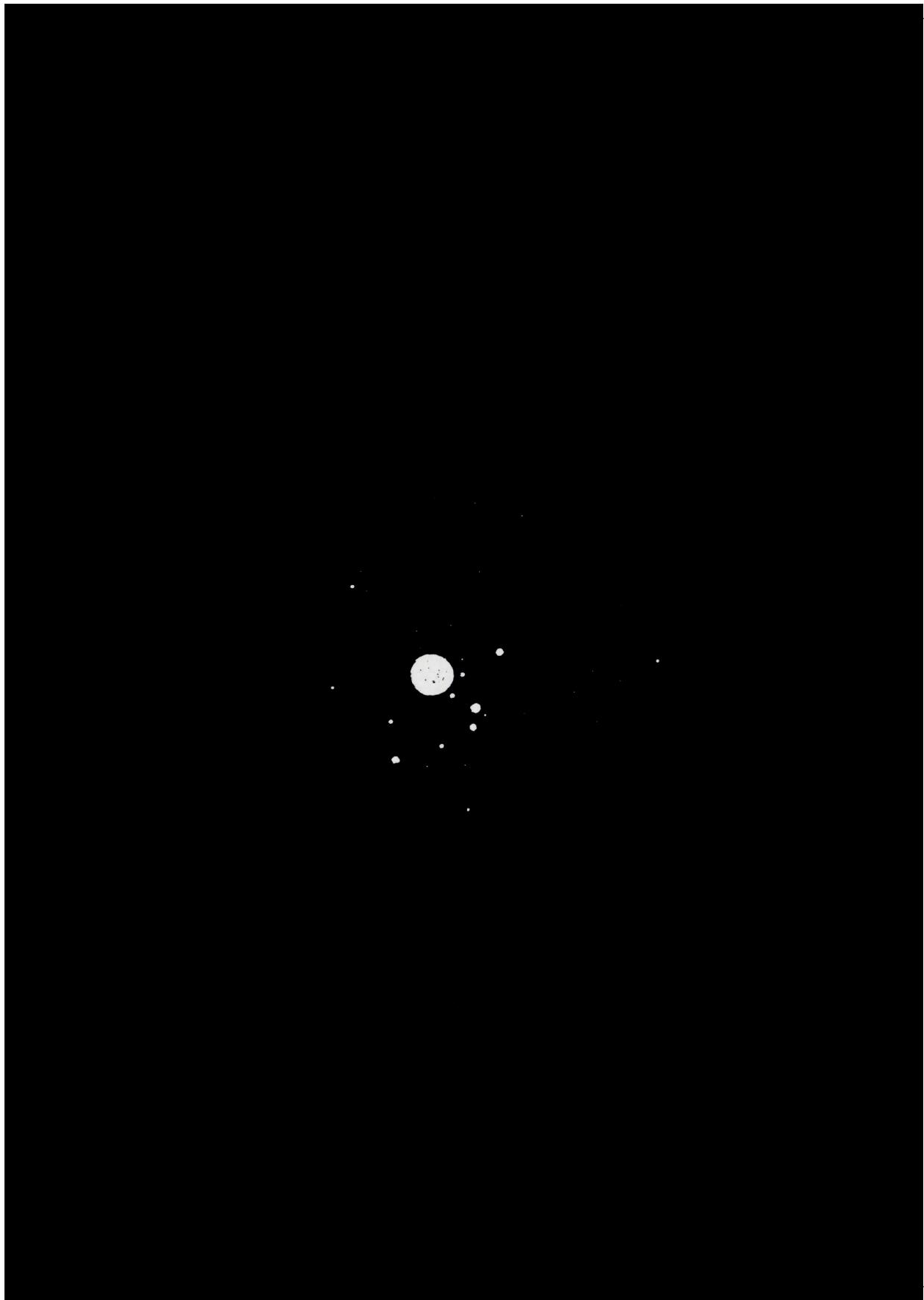


a borboleta parecia uma
bela letra
no meio de negras constelações e modernos alívios.

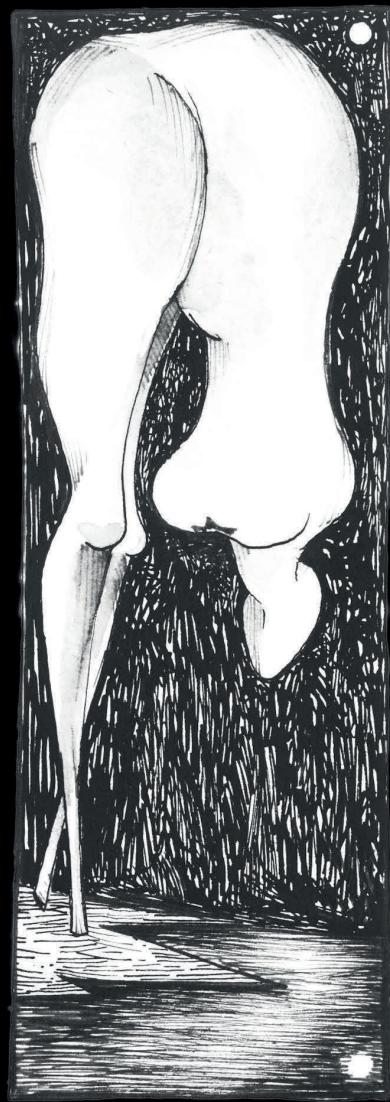


Verão, outono, inverno, primavera.

*e a paz pro peixe não virá.
e eu a borboleta que o entristeceu.
nem nunca mais apagarei.*



*... com a alma triste seu fado. muito tempo tinha passado. a vida
e seguia, com a alma triste seu fado.*

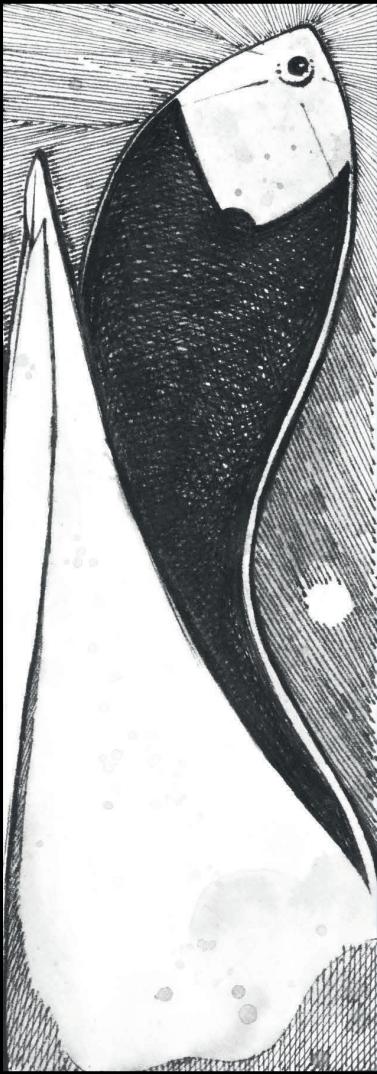


mas, eis
que durante a
quinta estação do
ano, o peixe
avistou um
ser humano.

assustado, jamais tinha olhado gente. assim,
frente a frente.



de clara lua.
nua, numa negra noite
uma mulher entrou na água,
e o triste peixe percebeu,
no peito da moça de louça,
a borboleta de estrelas pretas.





As lágrimas do olho do peixe eram feixes de emoções
Por todos os seus corações.
Ele olhava a borboleta mais bela que o som da clarineta mexendo as asas como as algas de sua casa





do peixe francês ve seu amor pela última vez
lembrou ser o décimo terceiro mês: época em que
com um riso no canto da boca, achou a vida pouca.
depois de chorar de alegria e conter o corpo em folia,

depois de chorar de alegria e conter o corpo em folia.





fim

PALAVRÃO

s.m. & f.

no poema, arma geralmente ausente : não é comum da poesia fazer alardes ; contudo é preciso considerar o bombardeio cada vez maior de comerciais ; o espaço sempre crescente ocupado pelo anúncio publicitário e a robotomização geral e eficiente da propaganda, a fim de tornar a luta (se é que luta ainda existe) entre

POESIA vs MERCADORIA PERSUASIVA

mais justa (se é que justiça ainda existe) propago meu próprio outdoor com requintes de sedução sensacionalista:

EXTRA!EXTRA!
NÃO EXISTE
PALAVRÃO
PROPAROXÍTONA

numa briga no trânsito, no bar, em casa, ou em outro lugar, numa batalha sem punhos, pedras, armas de ferro ou fogo (num grande sufoco) pode-se mesmo ouvir ataques como: boceta, viado, escroto, tabaco, quenga, vadia, puta, caralho – mas proparoxítona e palavrão não tem não : baitola, priquito, porra, cagão, merda, égua, pica, cuzão – mas proparoxítona e palavrão... tudo bem, é fato que há a possibilidade de alguém ser chamado de bêbado, energúmeno, cínico, tísico, frígido... (porém ofensa mesmo que machuque, atinja a moral e corte) atacando com proparoxítona, quem se sentiu forte?! ah, carlos, sim, sim, é clara a lembrança da tua fala: lutar com palavras é a luta mais vã. como também é próprio do homem a ilusão, o fingimento, criar mundos que talvez nem façam sentido. escuta a última:

**QUEM FERE COM
PROPAROXÍTONA
NÃO VERÁ
NINGUÉM FERIDO!**

CHOFRER

v.

palavra que toma de assalto e confirma que é impossível não chofrer ; chofrer não é vocábulo inventado pela xuxa, tampouco uma gíria emo, amiguxo – um xêlo e xuxexo pra voxê ! investigadores atestam que chofrer é angústia úmida ; padecer com as lágrimas do céu ; espécie de dor anfíbia ; quando chofre, qualquer coisa que mário faça vem datada de 1777. defende-se que o chofrimento deve ser guardado para as horas inevitáveis : como quando o homem vai embora : como quando a mulher vai embora : como quando não se vive com o mínimo digno : como quando alguém imprescindível, do nada, morre. depois de chofrer, alguém pode escrever ou fazer outra inutilidade ; ou ter certeza que é perfeitamente possível ser indiferente e concluir que espantar-se com palavras novas é estupidez de quem não tem pobreza pra enfrentar. mas note, por exemplo, o caso de manoel, 90 anos, voz anasalada, manteria constantemente os ouvidos bem abertos :

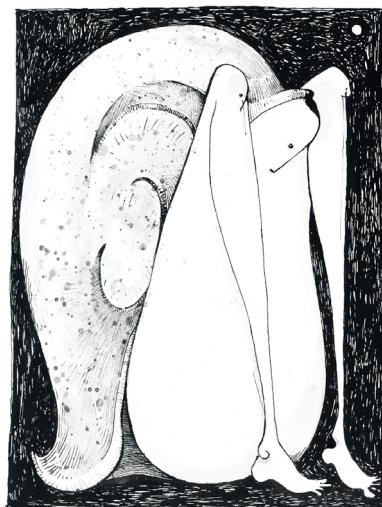
NOTA DO JORNAL – URGENTE : na tarde de ontem, 14, Manoel, 90, saiu de casa com sensação de vazio na vida à procura de algo ou alguém que lhe fizesse um pequeno fervor : - por fervor, você poderia ajudar? por fervor, eu procuro... falava, sem resposta, aos transeuntes. após tal ato, observou meticulosamente o cachorro de rua ao lado e considerou sobre o estado mental dos brasileiros ; desde então, passou a chofrer toda vez que sovia



SOPRO

s.m. & f.

esse coração agora se torna uma boca vermelha :
quer lamber o lado de fora ; quer fazer o que der
na telha ; esse coração sem parafuso quebrou todas
as torneiras : quer outro corpo, outro uso – quer
ser a peça mais inteira ; esse coração feito de fibra
apenas treme como corda : louco músculo que
sopra (carne besta que só vibra) tal coração-cabeça
tece uma meta no pensamento ?! ser coração-poeta
com a vida o vento sendo ?!



para a jornalista neide duarte

s.f.

muita gente acha a lesma nojenta ; mas a lesma, ela mesma, não se acha nojenta ; esse pensamentotruum! (que raio!) reluzbrilhou no infante kayo. notou o mato molhado, o solo úmido, a natureza, e conversou pra ela : tomara ainda chegue o dia em que (onde more gente), em qualquer pedaço de terra com vida acesa, exista alguma beleza de coisa boa ; e essa nojeira entre as pessoas passe a ser apenas... nojeira de lesma





com mayra brandt

s.f.

falavam de uma menina com olhos enormes e sujos ; no olho direito, morava longa lombriga que, na barriga, nem cabia – já o esquerdo, voraz urubu beliscava à procura de alguma larva. talvez gostasse de algo no mundo (todavia, não há relatos de alegria) mas, se conseguiu gostar, gostou somente-tão da cor : televisão cinema bar. na primavera, suspeitaram que prazer lhe dava a pintura – com telas e quadros, havia algo de fervura ; menina sem enfeite pensaria ser pintora, mas não teve cavalete nem coordenação motora ; as pernas e os braços, de podres paus fracos ; as costas e o peito, de vidros com defeito ; sua pele um amunturalhado de enferrujados pregos : um moço, com pena, a abraçou e ficou cego. conta-se que dela não há o que contar – exceto o ver aquarelas, janelas ao ar ; mentem por aqui, qual marcha militar com tiros de clarim, que menina assim não deve figurar em história (não dá fama para o escrito) ; chegam a agradecer se se apaga da memória, do espírito. nela nunca notaram sorriso – não que fosse triste, com grave siso – ou que não sentira felicidade, angústia, vazio, vontade, coragem, calor. desimportou-se com isso : no abstrato não viu cor



...

s.f.

você precisa dela : aonde vai a carrega no bolso, ou na mochila, ou onde passa o cinto. se for mulher, na bolsa – junto ao que já leva – alguém precisa tê-la para usar o trinco ; o que a constitui não dá pra definir : parece leve pássaro – abrigo por vir, ou é material trum! tum! metal pesado – depende se você manda em tal artefato. seus dentes rosnam sua história de poder (alguma saberá dizer o que é você) modelo yale, gorje, tetra – muitas são : forjada pra acabar com o plano do ladrão ; prazer de tê-la à mão e abrir a liberdade – quem é presidiário não segura em chave

para amaral – faixa preta de HQ

!

aquele é o velho cara – lembra que contei-te?
um certo motoqueiro (meio arquiteto)
ergueu berilo 2 com cores e contêineres
sua casa tem na porta: O KAOS É QUE ESTÁ CERTO

depois de dias e dias, partiu pro hipocampo
(o atum e a cor lilás fizeram-lhe o convite)
no mundo objetivo não era um homem livre :
a hiperfiguração passou a ser seu canto

e lá o velho cara bebe o escarlate
– por que viver comendo o ARGH! entendimento?
melhor é ter elétrons truando por dentro

o invariante bege disse à salamandra :
– aquele ali chegou e trouxe o sol da tarde ...
... estou evaporando ou não há mais gravidade?



S U P E R B O N D
E R R E S O L V E
F R A G M E N T A
Ç Ã O E P Ó S - M O
D E R N I D A D E



HIDRANTE

s.m.

o hidrante, em guarda, parado – no seu posto de soldado não ostenta um fardamento : se tem poder, camufla em canos pelo centro. sem medalhas nesse peito, a ferrugem vem primeiro ; um vigilante oxidado armado de sonho hidráulico. na cabeça um capacete, dutos, distribuição – funcionário sem salário onde esconde sua razão? por que pra sempre estático? só de água alimentado, abre a boca de incêndio e respira os escapamentos. sei que a chuva lhe visita ; quando não, o sol lhe trinca. se trabalha num insalubre emprego público, por que nunca abandona os infortúnios? veio de um corpo de tropa subordinado aos bombeiros. mas por que jamais retorna pro seu quartel verdadeiro? em silêncio, concentrado, deterá algum estrago? obscuro sentinela tem as peças carcomidas (permanece e não revela nem a sombra de uma pista). segreda no lábio ferroso saliva pra língua de fogo? se cogita que ele espera não ver cinzas nessa terra

AMOR

s.f. & m.

woody allen outro dia me apareceu com todos dizem
eu te amo ; é claro, logo lembrei de tchecoslovákia,
maiakovski, degringolando e morelebaum. pois
bem, desse modo seria no mínimo o máximo :
uma pessoa, em estado de pontiaguda necessidade
da outra, espera cinematograficamente o exato
agora para dizer... ele ou ela respira fundo e diz :
como eu te tchecoslovákia! ou alguém sentido-se
épico : meu maiakovski por você não tem fim! ou
alguém mais hollywoodiano : eu te morelebaum
desde a primeira vez que te vi! na praça, um grupo
de crianças brinca de ciranda e sorri muito dos
últimos versos : o degringolando que tu me tinhas
era pouco e se acabou. roberto carlos faz bastante
sucesso com a canção eu te tchecoslovákia :
quanto tempo longe de você / quero ao menos lhe
falar... eu te tchecoslovákia, eu te tchecoslovákia,
eu te tchecoslovákia. assim também como a
maisnovaduplasertanejacomsucessodestasemana
cantando é o maiakovski: é o maiakovski... que
mexe com a minha cabeça e me deixa assim...

devido ao imediatismo utilitário do mundo, demonstrações de afeto estão cadê vez mais raras, do tipo : eu sei que vou te tchecoslovakiar... por toda a minha vida eu vou te tchecoslovakiar... ou : só louco... maiakovskiou como eu maiakovskiei ; edições recentes são publicadas com versos como : degringolador / humor. e de tudo ao meu maiakovski serei atento. e joão tchekoslovakeia teresesa que morelembaum os estados unidos que não deixa de degringolar ninguém. além de, entre outros, tchekoslovakeie e dê vexame ; afinal, morembaum é fogo que arde sem se ver ; e nunca ninguém teve um gozo borboletográfico sem degringolando



a lág	a presa
rima	foge
lambe	(ou fica)
o alvo	en
assimil	tre
ando	o
com	max
sal	il
íva	ar
os pas	de pál
sos	pe
(ou pouso)	bras
da presa	...
mas	com
tigada	ida
pel	pel
os cílios	os olhos

o sang

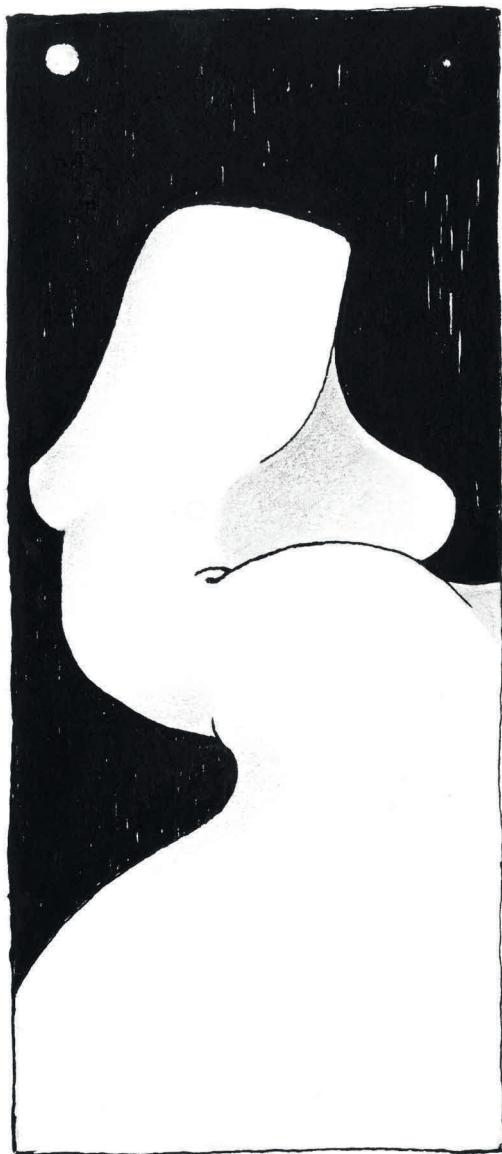
ue seg

ue ceg

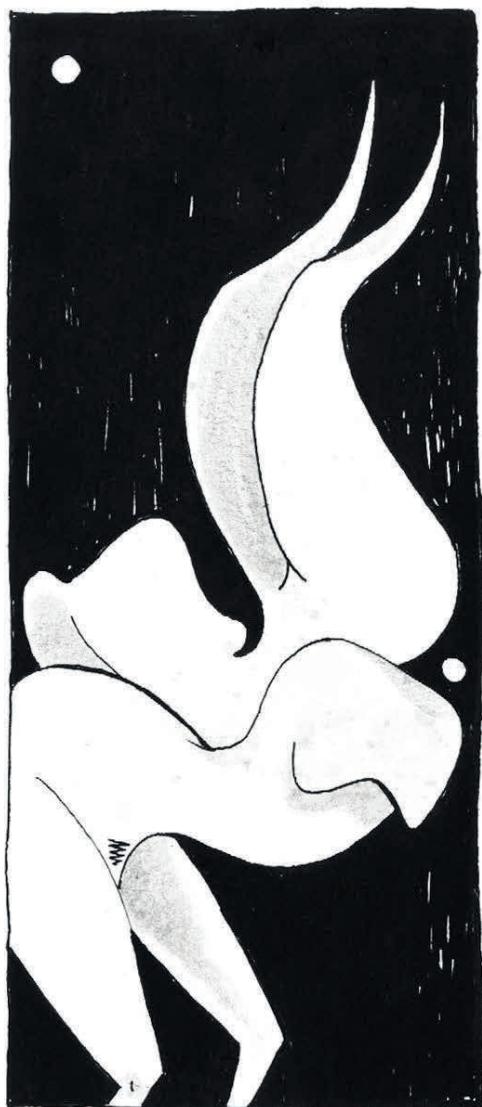








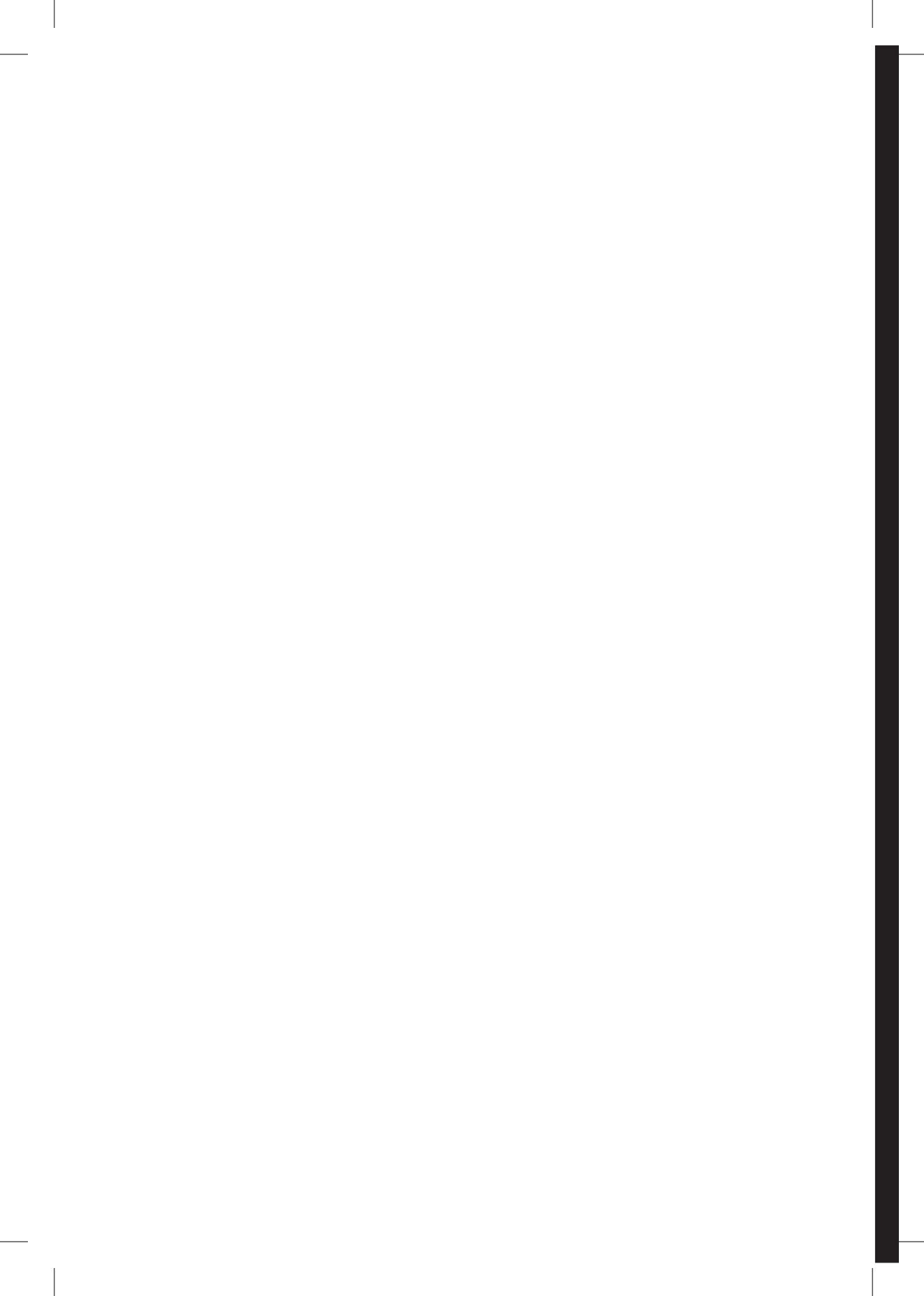
é estas sensação de estar
empre de partida a pres-
sa é um acúmulo de me-
nos? Ou uma soma que a-
brevia a própria vida?!



MANHÃ

s.f.

1. diz-se de uma película – de idade indefinida.
2. cinema sem emprego industrial.
3. membrana que reveste as paredes do espaço denominado dia – esse aquário de lâmpadas onde bóia o cérebro do vigia.
4. primeira página (ou folha do meio : se estiver continuando algum desejo).
5. caderno de aportamentos – onde se clareiam os nomes, exemplos : mesa copo ungüento porta rua centro.
6. não é dimensionada pelo olfato ; tampouco apreendida pelo tato – defendem ser um estalo que precisa ser olhado.
7. a metade do relógio – incandescente ; sua cor não se refere a uma tinta.
8. usina – e solda as vigas da rotina.
9. acaso que se pode aproveitar (tê-lo).
10. quem sabe contemplar o mar vermelho.
11. momento em que não se pensa em obituário.
12. veneno pra vampiro.
13. tiro e caracol.
14. golpe de goela de gallo que sangra e acende o sol



FIM

?

trem, entrelivro ou posfácio | por amaral

imediato e cedo como um obstáculo chega o trem a-dante dele, o abismo. onde começo fui, era a água, a mesma que dilui as coisas que se apagam sem sol, menos a palavra. a letra que rosna, assustada, acuada no escuro serve ao humos, seu degredo, ruído estrelar pra acordar homo-herege. o que ficou preso, dentro dela, são tijolos encadeados, acima da parede, com valênciia própria e carbonos benzidos em sintaxe igual. o verme da palavra, singrando o muro, anda em trilhos num parágrafo e morre como move o movie. de nada serve o juízo se o bom de estar é o verbo banido. qualquer susto é um vício dentro e fora do dito, aqui, sempre lido num dicionário inventado, um visionário interditado. quando alcanço o terraço do degredo, vejo nele um gesto inteiro sem medo do ermo que fixa o quase alvo, que fita o impensado ato de amar, um espaço criado num lugar onde tudo fica, principalmente a vontade e o fogo na liquidez da gente. não comporto no mundo em poucas curvas. as coisas levam com elas o começo e o fim de tudo, mas antes andam por aqui, entre nós e esses símbolos que, embora escritos, não mudam nada, apenas a mudez semântica que teima

ser melhor que o vazio, não conseguimos ser melhor que nosso enigma. a prova do dardo é superar o veneno, a palavra é essa toxina lambida à exaustão, um verbo inconsútil e letal. a escrita, craque no pensamento, resposta em linhas, bebida em traços, triste ou não, é como o sol, consoantes visitadas por vogais e outros monossílabos que, mesmo já ditos, brilham mais do que quando foram. não levo as palavras para muito longe, elas precisam de nossas águas pra chegar ao seu próprio mar. são rios como esses que lavam os dias e as tardes que duram menos que os relógios, porque não saíram da mecânica dos relojoeiros, eles é que foram superados, foram os peixes das horas que o consumiram por toda a eternidade. não me iludo, as borboletas vieram de muito longe. e pra lá retornarão levando com elas o que puderem de nossas vidas, pobres vidas sem borboletas nem papel. líquido que somos, não duramos mais que elas, menos que a lesma, essa letra imersa que põe o peixe em qualquer órbita. o alvo das borboletas é o olho inerte, esse mesmo que, há pouco, era cego. essa estrela que soltou-se do papel, estilhaçou meu

átomo de porcelana que guardava, aqui dentro, com tanto zelo. mais pesada que o mar, ela afunda, é a frase densa com a qual persigo nessas páginas. o céu a multiplica pela boca das vogais e a língua das consoantes. os espelhos se torcem e não se quebram, é o efeito antigo das lesmas que enxergam na pedra seu último horizonte. não sei nada sobre a língua fora o que ela tem de aparência com a letra mais do que com a lesma. quem pariu o verso e o universo que nos valha de peixes, céu, escuro e outros alfabetos. é o jeito ver, não obrigado, olhar. ritmo é cada vez que o olho passa, cada vez que o olho vê. faço com o agora o que faz a tarde comigo, saculejo nesse trem, continuarei aqui, depois que ele passar. não faz muita diferença onde o vão ou o vagão estão na palavra, ela chega de qualquer jeito, ainda que morta. oxítonas no jardim valem mais que nenhuma letra. quem anda em cima do trem não tem cabeça, não escreve certezas nem estúpidas proezas, na caldeira queimam-se neurônios, esse bicho que escorre de um dia pra noite e não se perde na escuridão. há algo lá fora que essa tarde esconde dos jornais. embora não saiba de onde vem o

parágrafo, a boca inteira quer cabê-lo antes do olho. o verme da imagem, que o olho hospeda, alimenta o musgo da ilusão e arde no olho dela a cor da esfinge, que zela pelo vazio. cabeça de sol em cima do trem é uma senha que o invento abriga antes de entregar-se ao foco, por vezes é só a chave do cárcere, tilintando na memória; outras vezes nem é o que parece. o cara que enxerga o trem tem outro no olho, e esse outro, sendo ele, é o próprio discurso desviando da barbárie. o que agraga não é o tijolo nem a massa, é a valência e o carbono, impossível a olho nu, porém exato na liga. no meio de tudo, tem a água o desaglomerante que aglomera, que tem a palavra como metáfora e, às vezes, tu; outras vezes, eu, como o hidrante. tudo isso não é nada diante do que move com sopros o último e o próximo, os cônclidos e os rudes bits, o mar de letras que chegam aos tufos do último big bang, regidos por uma ordem que não conheço, porque sou pequeno como o parágrafo que agora finda. o mundo tem muitas belezas e uma delas vem de trem. belezas como letras precisam de tempo pra que se

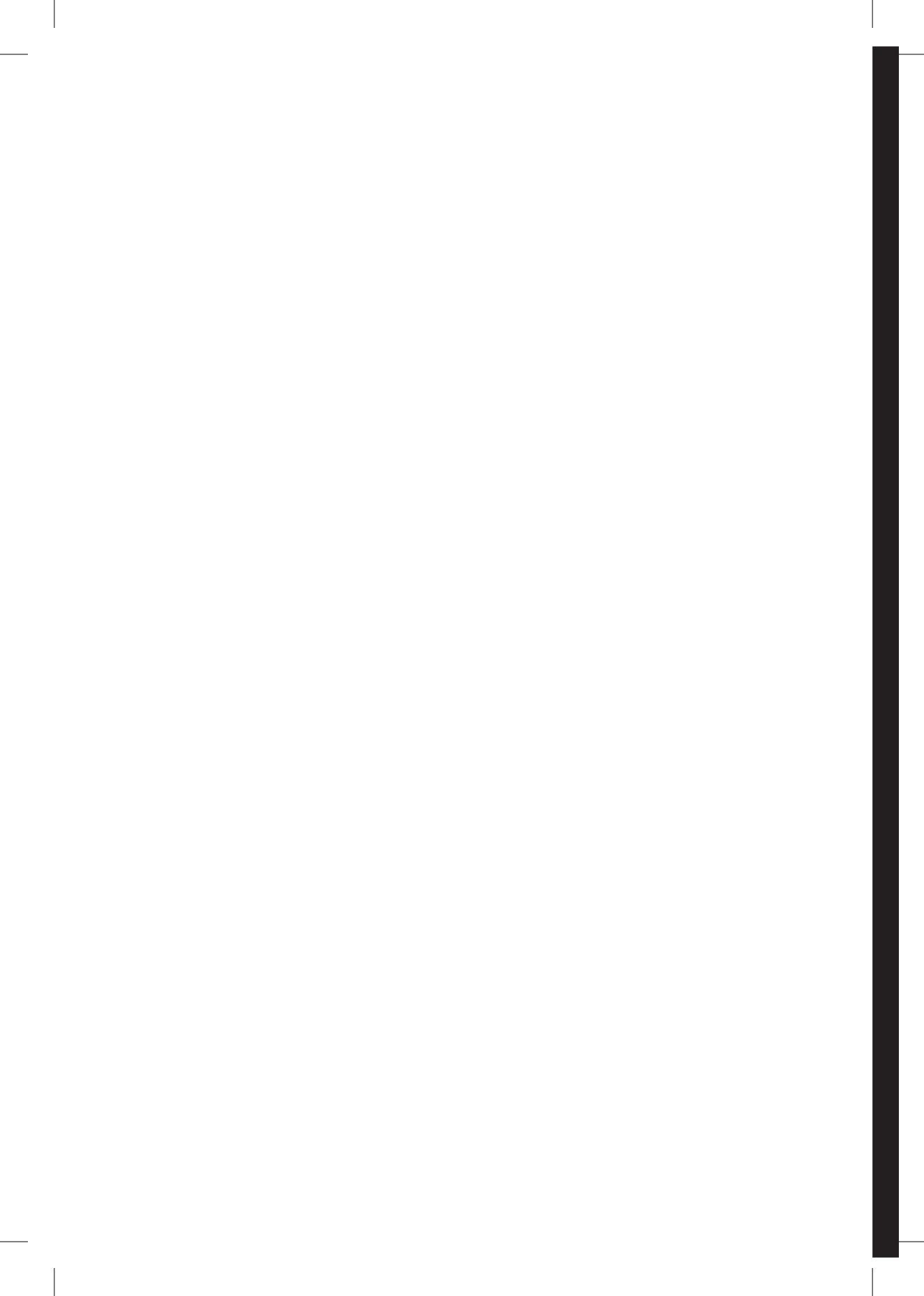
abracem como dois rios. palavras se tocam, como línguas, se pousam como peixes, se lidam como gente, se lambem como sal, se bóiam como olhos e sóis numa cacimba. já me vou que ainda é cedo, e é assim que devo ir, antes que me enxerguem por aqui, roubando espaços e tempos que não me pertencem. livrem-se vocês desse trem ou o descarrilhem. não esperem por mim, não sei pra onde ele vai, mas sei que não tem cura nem fim. não me resta outra sorte que saltá-lo em movimento. tô arriscando as ribanceiras. vou cair mas vou pular. não teria dito nada. se não, repito o que foi dito.

amaral

porta-voz do hipocampo e segunda pessoa do ><“°>



este livro não aconteceria sem mayra brandt (por tudo do amor bonito e mais um muito) | neide (mãe, te amo – a pessoa mais forte que conheço) | letícia vitório (revelou que sou o cabeça de sol) e kayo arruda (mestre criança do surpreendente) | zorro (pai, bem querer, filmes de ação, academia de musculação) | joniel veras (irmão indiano, homoafetividade) | amaral (espadachim da transubstanciação, joga tinta pra cima e apara no chute, ensinamento às gargalhadas) | ranieri ribas (enciclopédia, eruditó, roupas e livros) | quaresma (parceria mor, irmão da canção) e vazin, jr, wagner, john (validuaté e fraternidade) | demetrios galvão (onírico, meu outro início, roupas e livros) | babu sousa (amásio, grafismos, 1^a versão do livro, zs com risos) | xadai (retoques pós muito, amizade e design) | lívia medeiros (cópias, primeiras versões, amiga e improbidade administrativa) | edinalva melo (impressões, cálido cuidado) | marina vieira & diego iglesias (início da arte, apoio e outras delícias) | mardônio franca (co-editor poeta corsário e força gráfica) | ana kelma (apoio e boas conversas) | sônia moutinho (bibliotecária e íssimas lasanhas) | maria do socorro fernandes de carvalho (depois de ti, meus olhos tentam ser agudos pras palavras e seus rumos – só)



© thiago e, MMXII

CAPA | amaral

PROJETO GRÁFICO | thiago e

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS | babu sousa | xadai

REVISÃO | mayra brandt

DESENHOS | joniel veras

1a. edição | uma parceria entre o selo **ladrão** [pi] e a editora corsário [ce]

editora corsário

caixa postal 6026 - fortaleza - ceará

cep 60440 - 546

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

ficha técnica

EDITOR RESPONSÁVEL | mardônio franca

CO-EDITORA | katiusha de moraes

impressão | expressão gráfica e editora ltda.

869.91

E111s E, Thiago, 1986.-

Cabeça de sol em cima do trem/ Thiago E. – Teresina : Thiago e, 2012.

p. 134

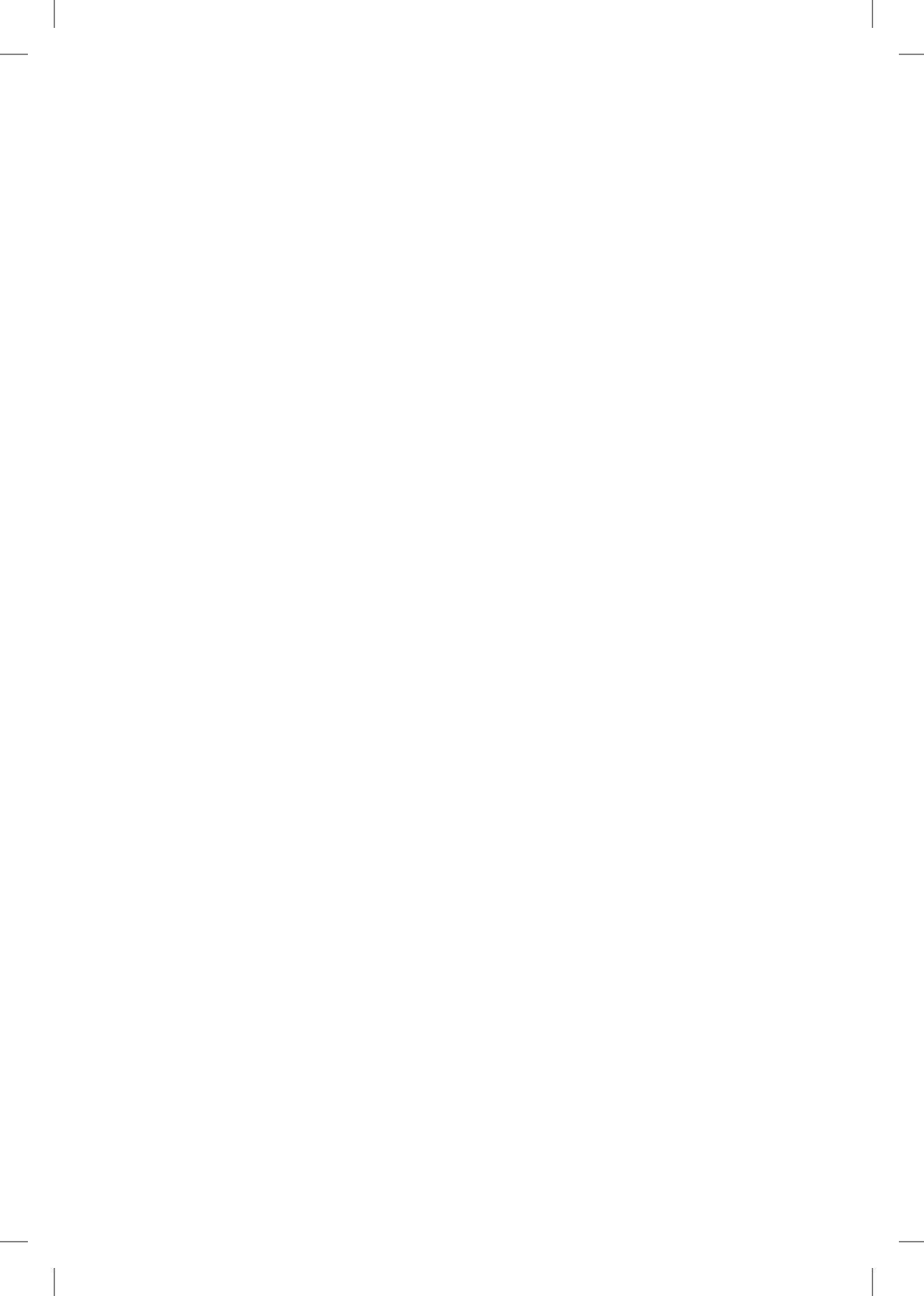
ISBN 978 85 420 0028 3

1. Mixórdia. 2. Literatura brasileira - Poesia 3. Literatura piauiense - Poesia. 4. Literatura Moderna. I. Veras, Joniel. II. Título.

CDD	869.91
CDU	82-94

bibliotecária | Sônia Oliveira Matos Moutinho CRB 3/977

ESTE LIVRO É UM PROJETO DA LEI CULTURAL A. TITO FILHO



este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



aviso aos curiosos que este cabeça de sol
começou por aqui, passou pelo babu, foi finalizado na casa
do amaral em noites fantásticas e outras paradas adicionais
com o xadai. foi impresso em electraLH & century gothic
nas oficinas da expressão gráfica para a editora corsário
e para o selo letrado no agosto mês de aniversário da mayra, bonita, em MMXII.

